

“VOZES-MULHERES” DO TERCEIRO MUNDO - A PERSPECTIVA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Nelci Alves Coelho Silvestre^{*}

Universidade Estadual de Maringá

Alba Krishna Topan Feldman^{**}

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este artigo apresenta uma análise do poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. As mulheres negras que compõem a família do eu-lírico são representadas pelas “vozes-mulheres”, presentes no texto em análise. O objetivo desse artigo é aplicar a teoria de Mulheres do Terceiro Mundo, evidenciado por Gayatri Spivak e desenvolvido por estudiosas indianas feministas, como Chandra Talpade Mohanty às vozes presentes no poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, discutindo a voz da mulher do terceiro mundo e os estudos subalternos. A metodologia de investigação baseia-se em textos teóricos que discutem se o subalterno tem voz, e as tentativas de agência, desenvolvida por Spivak (1987), Mohanty (2003), Maggio (2007) e outros. Diante das vozes-mulheres, observamos os mecanismos de resistência do eu-lírico que luta por conquistar seu espaço na sociedade. O revide via discurso torna-se instrumento para a emancipação do eu-lírico negro, mulher. Os resultados da pesquisa mostram que a subjetividade do eu-lírico é construída desde o momento que ele descobre que a sua voz leva consigo as vozes de outras gerações e que esta voz existe e pode ser ouvida. Ao fazer uso de sua voz como intelectual, Evaristo enfoca sua condição de mulher, de negra e de origem pobre, sinalizando possibilidades de reconfiguração do papel da mulher.

Palavras-chave: Vozes. Mulheres. Negras. Subalternidade. Emancipação.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

^{*} Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) UNESP de Bauru - SP e Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2015). Atualmente é Professora Adjunta na Universidade Estadual de Maringá, ministrando disciplinas na área de Literaturas de Língua Inglesa, Formação de Professor e Estágio Supervisionado no curso de Letras. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Literatura Estrangeira Moderna, atuando principalmente nos seguintes temas: Pós-colonialismo, Feminismo e Teoria Literária. E-mail: nelcialvesilvestre@gmail.com.

^{**} Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão FECILCAM/ UNESPAR; Mestre em Letras pela UEM (Universidade Estadual de Maringá); Doutora em Letras pela UNESP, São José do Rio Preto, onde estudou obras literárias de indígenas norte-americanos. Atua como professora de língua e literaturas de língua inglesa na UEM. Coordena o projeto de pesquisa institucional Multiculturalismo sob Perspectivas Pós-Coloniais. Ministra as disciplinas de *Pós-Colonialismo e Representação do Sujeito* e *Multiculturalismo e Diferença: Narrativas do Sujeito* na área de concentração em Estudos Literários, do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Letras da UEM. E-mail: profa.alba@gmail.com.

Introdução

Conceição Evaristo nasceu em 1946, na cidade de Belo Horizonte. Formada na escola pública, ela se mudou para o Rio de Janeiro, na década de 1970. Lá, foi aprovada em concurso público para o exercício do magistério e ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Letras. Em 1996, defendeu a dissertação “Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em sua tese de doutoramento, pela Universidade Federal Fluminense, escolheu a literatura comparada, trabalhando a produção de autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira (ARRUDA, 2007).

Iniciou a publicação de sua produção poética nos *Cadernos Negros*, número 13, de 1990, antologia editada anualmente pelo Grupo Quilombhoje, de São Paulo, e após essa data passou a contribuir com contos e poemas. Sua obra de maior reconhecimento até hoje é *Ponciá Vicêncio*, publicada em 2003 e com segunda edição em 2006. Também, em 2006, publicou o romance *Becos da Memória*. Seu livro de poesia *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicado em 2008, apresenta alguns poemas já divulgados nos *Cadernos Negros*, entre eles, o objeto de análise deste artigo, “Vozes-mulheres”.

O objetivo do presente artigo é aplicar a teoria de Mulheres do Terceiro Mundo, evidenciado por Gayatri Spivak e desenvolvido por estudiosas indianas feministas, como Chandra Talpade Mohanty às vozes presentes no poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, discutindo a voz da mulher do terceiro mundo e os estudos subalternos. Gayatri Spivak argumenta que o poder está não somente na ação, mas principalmente no discurso, e no discurso autorizado (e da autoridade), entre eles, o discurso acadêmico. Assim, discutiremos como e se a voz de Conceição Evaristo, em sua condição de mulher do terceiro mundo, conforme a definição de Spivak e Ahmad, pode trazer a voz de gerações de subalternos (as mulheres negras de sua família) e dialogar com as novas gerações que chegam, ou fazer sua voz ser ouvida.

Spivak e a mulher do terceiro mundo

Analisando a obra da feminista Perdita Huston, Chandra Mohanty (2003), em seu artigo “Under Western Eyes” deixa bem claro que a visão de autoras feministas de linha europeia não dá conta das especificidades das mulheres do terceiro mundo, seja por ressaltar as diferenças, seja pela não percepção das semelhanças, ou ainda, por uma relação de hierarquia entre as mulheres europeias e as mulheres do terceiro mundo. Ela se concentra nas

mulheres indianas, especialmente as vistas como maiores vítimas, as mulheres hindus e muçulmanas. Transcrevendo Hurston, Mohanty comenta:

Ela escreve: “o que mais me comoveu enquanto eu ouvia a mulheres de origens culturais tão diferentes era o pungente senso comum - sejam elas educadas ou analfabetas, urbanas ou rurais – em seus valores básicos: a importância que concedem à família, dignidade, serviço aos outros”. Eu imagino se Huston consideraria tais valores incomuns para mulheres do Ocidente?¹² (MOHANTY, 2003, p. 344).

Pensamentos como esses não servem para analisar e reconhecer legitimamente a voz das mulheres do terceiro mundo, mas a criação de outro tipo de divisão; o nós (a mulher feminista ocidental, ‘liberada e intelectualizada’, ou seja, com o poder do discurso e da autoridade) e ‘elas’ (a mulher do terceiro mundo, iletrada e incapaz de tomar suas próprias decisões ou falar de si – portanto, que precisa de ‘porta-vozes’ abalizadas). Assim como Mohanty fez com vários estudos, inclusive com o de Perdita Huston citado acima, Spivak fez a crítica de Júlia Kristeva ao falar das lavadeiras chinesas. Ironias, como parecem, tais críticas começam a situar o feminismo ocidental em relação às experiências, histórias e vida cotidiana das mulheres do terceiro mundo.

A sensação das mulheres do terceiro mundo, na maioria dos casos, é de estarem fora dos processos de libertação e descolonização. Tal sentimento não ocorre apenas na mulher vendida ou trocada como objeto em sociedades africanas e muçulmanas, nem naquelas abandonadas ao se tornarem viúvas em idade muito tenra na Índia, ou nas representantes de quaisquer sociedades que as impeçam de ter acesso à educação ou a uma voz. O mesmo sentimento perpassa a mulher brasileira negra que mora na favela, a quem é negado o acesso à educação, que é vendida como produto disponível para a luxúria masculina em eventos como o carnaval, ou a mulher indígena ou quilombola brasileira, obrigadas a se prostituir ou trabalhar em subempregos, também longe do acesso à educação e ao básico da saúde, seja pela geografia das terras indígenas ou quilombolas inacessíveis, seja por sua própria condição.

A essas mulheres, muitas vezes, é negado o discurso pela própria mídia, que raramente apresenta, por exemplo, uma protagonista de novela negra ou a coloca em outra situação que não seja a subserviência ou de objeto. Posto isso, compreendemos que a condição de ex-colonizado e a condição feminina são extremamente vinculadas, e sobrepõem-se.

¹ Todas as citações em inglês foram traduzidas pelas autoras do artigo, exceto quando indicado nas referências.

² She writes, "What surprised and moved me most as I listened to women in such very different cultural settings was the striking commonality — whether they were educated or illiterate, urban or rural — of their most basic values: the importance they assign to family, dignity, and service to others". I wonder if Huston would consider such values unusual for women in the West?²

Os estudos pós-coloniais têm contribuído de maneira efetiva para a emancipação da mulher. Em contrapartida, o feminismo também tem revelado questões até então não citadas pelo pós-colonialismo. A similitude do discurso feminista e do pós-colonialista é que ambos esbarram nas imposições imperiais e patriarcais, entre outras formas de opressão.

Portanto, cabe aos estudos pós-coloniais e feministas integrarem a mulher marginalizada não apenas pelo gênero, mas pela colonização, pelo racismo e pela cultura, à sociedade. Saffioti assegura que “lutar pela igualdade de gênero é acreditar na construção de uma sociedade mais igualitária, enfrentando o racismo e o patriarcado” (SAFFIOTI, 2001, p. 15). Se a mulher europeia foi vítima de esquemas de pensamentos masculinos e colonialistas, durante longo período, a situação das mulheres colonizadas certamente foi pior. Diante desse quadro, é imprescindível oportunizar que elas se posicionem como sujeito, libertando-se da opressão imposta não somente pelo patriarcalismo, mas pelo imperialismo, pelas diferenças raciais, sociais, entre outras.

Uma dessas formas de opressão se instalou com a chegada dos colonizadores, quando os habitantes da colônia passaram a receber ordens dos recém-chegados, sujeitando-se ao domínio do colonizador. Dessa maneira, a distinção entre Outro/outro passou a existir desde o momento em que o colonizador europeu se impôs como alguém superior ao colonizado. Nessas sociedades pós-coloniais, os componentes dessa relação – colonizador, colonizado, homem, mulher – estão presos a posições hierárquicas em que o sujeito oprimido prende-se a uma posição de inferioridade, ou seja, é outremizado. Segundo Ashcroft *et al.* (1998), outremização é o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro. Spivak (1987) apresenta três formas de como se realiza a outremização colonial: a primeira acontece quando há a exploração física do território não europeu, onde o Outro molda o outro; a segunda ocorre via degradação do nativo, apresentado como selvagem, depravado, mentiroso; a terceira é um hiato entre o europeu (Outro) e o não europeu (outro).

Conforme observado, as estratégias de outremização estão vinculadas à formação do sujeito. A teoria de formação do sujeito desenvolveu-se nos estudos de Sartre que define o ser e o outro como uma relação dialógica, não hierarquizada. Essa distinção advém da própria filosofia ocidental que se baseia em oposições binárias, sistema que funciona sobre posições hierárquicas cujas oposições enfatizam as diferenças entre termos privilegiados e não privilegiados, superiores e inferiores. Na situação colonial, o império utilizava o sistema de oposições binárias com o objetivo de posicionar-se como superior à colônia. Assim, o Outro – colonizador – posiciona-se como centro e relega o outro – o colonizado – à margem. Ao fazer

uso de um discurso altamente preconceituoso, as metrópoles coloniais inferiorizaram os colonizados, atribuindo-lhes valores negativos.

Diante da força física do colonizador, o colonizado é objetificado. Acuado, o colonizado tende a recuar, a obedecer para poupar sua vida, mas nem sempre de forma passiva. Ele busca se libertar das amarras do poder que o prendem, por meio do revide ou resistência, que é uma forma de reconquistar a posição de sujeito outrora usurpada, de se recusar a aceitar as imposições do Outro.

Na teoria pós-colonial, a resistência não se limita a atitudes violentas, pois pode ocorrer de forma silenciosa, pacífica, em vez de luta, de força física. Trata-se do revide discursivo via paródia, mímica, cortesia dissimulada e ironia. A mímica consiste na cópia que o colonizado faz do colonizador, imitando seu modo de andar, de vestir e apropriando-se de sua cultura; a paródia também é uma imitação, mas por meio da escrita; a cortesia dissimulada é uma suposta aceitação, por parte do colonizado, dos valores, da cultura do colonizador, ou seja, uma maneira de não entrar em conflito direto com eles a fim de solapar sua autoridade; a ironia é o poder de dissimular, de enunciar um fato, quando se pensa outro ou se deixa outros sentidos subentendidos.

Nesse sentido, a resistência dá ao sujeito pós-colonial a percepção crítica da sua condição e o meio para recuperar a sua subjetividade. Com os mecanismos de resistência, o sujeito colonizado busca recuperar sua voz e resgatar a sua agência.

De qualquer maneira, percebe-se que a principal forma de resistência, então, é feita por meio do discurso, pois, assim como o discurso constrói a imagem da mulher do terceiro mundo e do homem do terceiro mundo, do ex-colonizado como seres inferiores, também pode recuperar a identidade perdida.

Como primeira solução para o impasse da voz da mulher do terceiro mundo como subalterna, é a eliminação da ideia de superioridade da mulher ocidental, a feminista acadêmica Spivak afirma que ‘A feminista acadêmica deve aprender a aprender com elas’³ mais que corrigir experiências históricas vistas pela perspectiva de culturas diferentes dessas mulheres sem poder, por meio de ‘nossa teoria superior e compaixão iluminada’⁴ (SPIVAK, 1987, p. 135).

A ideia de subalternidade ganha contornos ainda mais complexos quando as teorias apontadas em seu ensaio “Pode o Subalterno falar?”, texto seminal para os estudos pós-coloniais, história, antropologia, sociologia e estudos literários entre outros, tocam nos textos

³ ‘[t]he academic feminist must learn to learn from them’

⁴ ‘our superior theory and enlightened compassion’

de escritura feminina feitos por mulheres do terceiro mundo. No texto famoso, Spivak (1987) questiona a noção do “sujeito” ocidental, colonial. Assim como no estudo de Kristeva acima, ela mostra que os intelectuais europeus têm voz (e falam pelos) oprimidos: “Intelectuais devem tentar interpretar e conhecer o discurso do Outro da sociedade⁵” (SPIVAK, 1987, p. 66).

O suposto conhecimento do outro se torna a violência, pela percepção da ameaça ao império, ou ao poder instituído. Ao fazer isso, assim como Said em *Orientalismo* (2007), Spivak apresenta os perigos dessa postura de conhecimento imposto, que parece inocente e apolítico, mas que se torna um dos meios mais efetivos de opressão por parte da elite intelectual (dos colonizadores sobre os colonizados, dos homens sobre as mulheres, das mulheres europeias, detentoras do conhecimento sobre as “iletradas” mulheres do terceiro mundo, assim por diante). Trata-se de uma imposição e de um silenciamento até mesmo disfarçados de boa vontade (as feministas acadêmicas falando compassivamente sobre as mulheres do terceiro mundo, que não têm voz, por exemplo).

A academia é parte do problema e da solução

Nesse tipo de opressão muito menos aparente e muito mais efetiva que a violência, a academia e os intelectuais, tanto europeus quanto os não europeus, são uma parte substancial do problema, mas também de sua solução. Spivak escreve: “Eu acho que é importante reconhecermos nossa cumplicidade no emudecimento, precisamente para que sejamos mais efetivos no longo caminho⁶” (SPIVAK, 1999, p. 208).

Dessa maneira, um intelectual e estudioso ocidental é quase um paradoxo: ao mesmo tempo em que coloca os limites do discurso ao descobrir que possui a voz política da autoridade, moldando o outro nessa posição, também deve descobrir o que não pode falar e como não deve ser dito, ou seja, descobre o não discurso.

Ainda de acordo com Spivak, a teoria pode ter valor limitado para o subalterno, pois ela não age como um elixir para seus problemas. Assim, a questão inicial é “qual é o papel da academia e se há um lugar para o intelectual estudar a subalternidade?”. Por exemplo, Spivak aponta que a teoria utilizada para estudar os casos do ocidente, e dos modelos europeus, não pode agir como modelos para o estudo do subalterno. A autora argumenta, entre outros casos, que a teoria feminista anglo-americana ou francesa, embora tenham poder, não podem agir

⁵ “[I]ntellectuals must attempt to disclose and know the discourse of society’s Other”.

⁶ I think it is important to acknowledge our complicity in the muting, in order precisely to be more effective in the long run.

como panaceia para resolver os problemas culturais, físicos, raciais e sociais de mulheres de sociedades tão díspares quanto às citadas anteriormente. Posta-se a questão da posição da academia e se há espaço para os intelectuais que buscam estudar o subalterno.

Diante do questionamento de Spivak, observamos que o intelectual está em uma posição difícil, em que o mero multiculturalismo em sua visão liberal não pode ser uma solução, pois sua aparente neutralidade destrói a diferença. Há uma necessidade e até mesmo um desejo de falar sobre a cultura como uma multiplicidade, mas não se pode contar apenas com modelos europeus para esse suporte teórico.

O desejo de nos comunicarmos com (e sobre) o subalterno tem em Spivak, então, um caminho para os limites do discurso ocidental ao interagirem com outras culturas, mesmo sendo os discursos ‘especializados’ nas minorias, como o discurso feminista e o pós-colonial. O fato nos coloca em outro impasse: o do informante nativo. Até que ponto o informante nativo não está imbuído da cultura e dos valores ocidentais para julgar sua própria cultura? Ou, mais ainda, até quando o julgamento do pesquisador que toma notas desse discurso do nativo é isento de seus valores pessoais e da cultura hegemônica que representa? E mais, como Gerald Vizenor (1998) postula em sua teoria sobre os indígenas estadunidenses, até que ponto esses informantes nativos estão dispostos a contar a verdade, e não enganar ou confundir seus interlocutores como forma de proteção a seus valores e cultura?

Maggio (2007), ao estudar Spivak, defende a tradução cultural para a compreensão do discurso do subalterno:

Devido aos limites de compreensão implicados no ensaio de Spivak, eu defendo uma leitura da(s) cultura(s) baseada na suposição de que todas as ações até certo ponto, exercem um papel comunicativo. Assim, alguém pode compreender uma cultura pela tradução das várias condutas de suas culturas. Ao adotar-se esse ponto de vista mais aberto do discurso e da comunicação, aquele que não desejar privilegiar a cultura ocidental, ou qualquer outra, pode tentar compreender entre as culturas⁷ (MAGGIO, 2007, p. 425-426).

Seja como for, não é a intenção de Spivak silenciar a academia ou o subalterno. O próprio ato de “dar poder” ou voz ao subalterno pode ter efeito silenciador, pois esse poder vem do conhecimento dominante. Assim, existem duas armadilhas: a primeira é falar por eles, e a segunda é fingir que podem falar por conta própria. Dessa forma, somos condenados a

⁷ Given the limits of understanding implied by Spivak’s essay, I advocate a reading of culture(s) based on the assumption that all actions, to a certain extent, offer a communicative role. Hence, one can understand a culture by translating the various conducts of their cultures. By adopting this more open-ended view of discourse and communication, one that aspires to not privilege Western (or any) culture, one can attempt to understand across cultures.

representações superficiais ou parciais dos subalternos, que podem ser mal interpretadas, ou mesmo deturpadas, a partir de “informantes nativos”.

O texto em que Spivak (1985) analisa ‘The Rani of Sirmur’ revela pontos importantes a respeito das discussões sobre a mulher subalterna: primeiro, mostra como a análise de Spivak dos arquivos coloniais difere da análise de Said (2007) e de Bhabha (1998) do discurso colonial apenas mudando o foco para a mulher do ‘Terceiro Mundo’. Ao fazer isso, Spivak enfrenta a cegueira de gênero existente nos estudos pós-coloniais anteriores a partir de um ponto de vista feminista. Em segundo lugar, demonstra como a visão e definição alargada sobre o termo subalterno para incluir as mulheres pode complicar a definição mais simplista, baseada em classe, dada ao termo anteriormente (MORTON, 2003, p. 61).

Conceição Evaristo - mulher do terceiro mundo - subalterna?

Neste item, transcreveremos a teoria de Spivak sobre a mulher de Terceiro Mundo para a vida e a obra de Conceição Evaristo. Em primeiro lugar, a definição de terceiro mundo precisa ser tomada na acepção mais ampla, que Ahmad (2002) faz do termo. O autor afirma que, não importa qual seja a localização geográfica ou a situação, embora tenha mudado de acepção ou definição no decorrer das décadas a partir de seu primeiro uso no início do Século XX, o termo Terceiro Mundo vai sempre demonstrar um hiato de diferença, representando os pobres, os iletrados, em contraponto ao Primeiro Mundo, potência econômica, ‘dono’ do conhecimento, da educação e dos recursos, sejam eles financeiros ou tecnológicos. O terceiro mundo é, no máximo, um depósito de material a ser explorado. Autores de países pertencentes ideológica, econômica, racial ou geograficamente ao Terceiro Mundo procedem uma análise do discurso colonial e imperialista com suas escritas, revisando e questionando o cânone, as formas cristalizadas de literatura. Ahmad (2002) denomina esta manifestação de escrita de resistência como ‘literatura do Terceiro Mundo’. Dentre as manifestações da escrita de mulheres marcadas como originárias do Terceiro Mundo vem surgindo críticas literárias feministas que apontam para as especificidades da literatura de suas pares, nos moldes citados acima.

Nesse hiato estão inscritas também as diferenças étnicas, de classe e gênero. Assim, uma mulher indígena nos EUA, com seu histórico de explorações físicas e sociais, mesmo sendo considerada cidadã estadunidense, não deixará de ser uma mulher do terceiro mundo. O mesmo ocorrerá com a segunda ou terceira geração de descendentes de africanos, latinos ou indianos etnicamente marcados que vivam na Europa, nos EUA, ou em algum outro ponto que, por força de quaisquer circunstâncias seja definido como primeiro mundo.

A outremização colonial, demonstrada por Spivak (1987), está presente em Evaristo e na mulher negra brasileira, em geral nas três características apontadas e já apresentadas: houve exploração física da mulher negra, e muito dos resultados são demonstrados hoje, moldados pelo Outro europeu, sendo que a mulher negra torna-se triplamente o outro, ou seja, não branca, não homem e não europeia. Essa mulher é degradada, apresentada como lasciva ou selvagem (veja-se o estereótipo da mulata, por exemplo). Com isto, cria-se um hiato entre o Outro e o outro: os eurodescendentes e os negros no Brasil, a mulher branca e a mulher negra, o homem negro e a mulher negra e assim por diante.

Sob essa perspectiva, podemos considerar a filha de descendentes de escravos, negra, que nasce em um ambiente de extrema pobreza, de mãe lavadeira, como mulher do terceiro mundo. Conceição Evaristo ilustra com propriedade essa assertiva, pois conforme relata no artigo “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” (2007), aprendeu a ler e a escrever pelas mãos de sua mãe, uma lavadeira que guiou os dedos da filha na atividade de copiar o nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, entre outros exercícios considerados difíceis para crianças pertencentes a famílias semianalfabetas como a dela.

Interessante observar que a autora aprendeu a linguagem com a mãe e se apossou dessa linguagem para produzir suas obras ficcionais. Nesse exercício escritural, a autora apresenta uma discussão do lugar da escrita, a partir do próprio corpo do sujeito-objeto do enunciado.

Diante do exposto, entendemos que Evaristo tem o poder do discurso dominante, pois ela teve acesso à educação mais refinada, tornando-se uma intelectual. Podemos considerar, então, que ela deixe de ser uma subalterna, uma vez que teve acesso à sua voz? Como foi visto, no entanto, ela vem desse local do subalterno tanto etnicamente (sendo negra) quanto de classe (sendo pobre), quanto pelo gênero (sendo mulher). Todas essas suas características do outro, porém, não a impediram de se apoderar do discurso acadêmico para utilizá-lo como forma de resistência, ou, pelo menos, de questionamento para a mulher negra e pobre do Brasil.

Vozes-mulheres – a mulher do terceiro mundo ressignificada

O título do poema já coloca dois pontos importantes para nossa análise: o primeiro é o fato de se propor a mostrar vozes e dizer a quem pertence, às mulheres. São vozes caladas no fazer literário em geral. Mas, ao mesmo tempo, o fato de juntar o vocábulo ‘vozes’ ao vocábulo ‘mulheres’, por meio de hífen, transforma-se em um empoderamento do discurso,

pois, as vozes e as mulheres têm a mesma conotação: trajetórias femininas mostradas pela ancestralidade; afirmação de existência, a partir de um coletivo. Vejamos a primeira estrofe:

A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

Como visto acima, o eu-lírico já estabelece a relação com as demais personagens citadas na obra (minha bisavó) no primeiro verso do poema. Ao mesmo tempo em que a primeira estrofe descreve um sujeito subalterno, aparentemente impotente, (uma criança, menina, negra, escrava), concede uma voz a esse indivíduo –, um lamento que, provavelmente, não será ouvido, pois ela está nos porões de um navio, ou, mesmo que seja ouvida, será ignorada por quaisquer outros sujeitos com poder naquele ambiente. A voz, ecoando a dor da coletividade, evidencia o senso de ligação entre aquelas pessoas, não apenas pelo sofrimento, mas pela cultura, conforme enunciam Serrano e Waldman (2010):

sociedades visceralmente comunitárias, regidas pelo consenso e pela tradição; do *conceito de forças vitais*, encontradas nos reinos animal, vegetal e mineral e que estabelecem uma hierarquia de relações com os humanos; da *oralidade* enquanto forma de organização do conhecimento e de manipulação das forças vitais; da *noção de ancestralidade*, comum a quase toda a África Negra, da *noção de família extensa*, encontrada em todo contexto sulsaariano; da *sacralização do poder*, perpassando as estruturas tradicionais de mando, da *não dissociação entre tempo e espaço*, noção inerente ao mundo pré-moderno, mas que, no entanto, é sobretudo africana (SERRANO; WALDMAN, 2010, p. 101-102).

Todos esses elementos, pontuados por Serrano, fazem parte da cultura africana e, de certa forma, estão presentes no poema em análise. O eu-lírico resgata suas raízes culturais e históricas porque sua identidade está centrada no núcleo familiar. Na primeira estrofe, temos a voz da bisavó do eu-lírico, enquanto na segunda estrofe é a avó a responsável pela voz:

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

Nessa estrofe, observamos uma voz aparentemente subalterna (obediente). Mas, esta ligação entre os vocábulos brancos e donos pelo hífen, tem-se um elemento único: ‘brancos-donos de tudo’, caracterizando a ironia. Se os brancos são donos de tudo, porque precisam que alguém ecoe a obediência a eles? Aliás, a voz pode estar ecoando uma “verdade universal”, do dono do mundo, mas marca também que essa voz precisa ser ecoada, para ser verdadeira, e que não cale fundo na voz da escrava. Trata-se de uma forma de resistência, diferente do eco realizado na primeira estrofe (os lamentos), que representa uma identificação

grupar e marca social e cultural. Aqui, a voz apenas repete uma mentira para continuar viva. O próprio tamanho da estrofe é um hiato, pois, representa que algo não foi falado nessa voz. Ao mesmo tempo, evidencia a cor e a alteridade – a voz que ecoa obediência *versus* o branco dono de tudo. Ao mostrar a diferença, a total ausência de oportunidade de se ouvir a voz do povo negro, principalmente da mulher negra, o discurso não se encontra apenas nas linhas, mas também e, principalmente, nas entrelinhas é revelado.

À medida que a voz das gerações se aproxima do tempo presente, começa a surgir nas ancestrais do eu-lírico a resistência de maneira mais clara, que, mesmo baixinho, ecoa revolta pela situação em que vive, pois é submetida a subempregos e mora em favelas, como podemos observar na terceira estrofe:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

Ao citar os brancos, mais uma vez a diferença é realçada, já que a mãe do eu-lírico declara que ela carrega a roupa suja dos brancos, colocando-se propositalmente na diferença. Mais uma vez, há um contraste com a estrofe anterior: porém, ao invés da obediência jurada ao branco-dono de tudo, há a reclamação da rouparia suja e da cozinha alheia. Não há como fingir a cor da pele, não há como ser branco, mas também não há a obrigação da obediência silenciosa aos brancos-donos de tudo. Pelo contrário, há uma reclamação sobre o fato de ter que lavar sua roupa suja e limpar sua cozinha. Essa característica de murmúrio ou reclamação, feita pelo nativo (pelo colonizado, pelo subalterno etc.), é citada por Bonicci (2012) como uma forma de resistência ao demonstrar a figura de Calibã, personagem da obra *A Tempestade* de William Shakespeare como o nativo que, na impossibilidade de tomar outras atitudes, vocifera, reclama e murmura contra seu mestre e opressor.

Na terceira estrofe há também o registro histórico da existência da favela, para a qual a mãe do eu-lírico se dirige, por um caminho empoeirado. A diferença social é gritante, por isso, a voz do poema não apenas demonstra um crescimento de voz de uma família ou de uma etnia, em particular. Trata-se de uma voz que cresce com o passar das gerações, mas também é um registro histórico que necessita de certas informações para sua compreensão, como o conhecimento sobre o fim e as consequências da escravidão, como a mudança das populações de ex-escravos para as cidades grandes, criando e desenvolvendo as favelas. Além de, pela

primeira vez a voz-mulher ser ouvida reclamando, há também a exposição de uma conscientização das diferenças de moradia, de condições de trabalho e de oportunidades entre brancos e negros.

Já na quarta estrofe, o eu-lírico se insere no poema descrevendo a si mesmo. Ao assumir o discurso, coloca-se no tempo presente “minha voz ainda ecoa”, conforme veremos abaixo:

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A repetição do verbo ecoar, na primeira estrofe, representa um grupo; na segunda, representa uma voz que não era sua; na quarta estrofe, representa a ligação com a ancestralidade, ou seja, o reconhecimento de que a voz presente do eu-lírico é resultado das outras vozes que ecoaram antes dela.

A voz presente faz a denúncia por intermédio da arte, ‘versos perplexos’. Isso deixa dois elementos patentes: essa voz é letrada e pode divulgar a outros suas perplexidades. Ao mesmo tempo em que há a denúncia de que pouca coisa dos maus tratos e das explorações mudou desde as gerações anteriores, uma vez que os versos estão perplexos de sangue e fome.

Também, desde então, a voz não é apenas autoconsciente como a da mãe, nem murmurada, mas é uma voz que compõe uma poesia, tratando do trabalho com a linguagem. O poder do discurso não é apenas demonstrado, mas trabalhado e divulgado, uma repetição sonora que, ao mesmo tempo em que demonstra um crescimento de alcance da voz, demonstra também a condição social presente, que ainda precisa ser denunciada, pois é permeada de ‘sangue e fome’, deixando o interlocutor e os versos ‘perplexos’, pelo fato de coisas assim ainda existirem.

Por outro lado, a estrofe é pequena, como se não precisasse de autoexplicação – o eu-lírico explica qual é sua voz, mas o próprio poema no qual a estrofe está inserida é a sua voz. Essa voz é o centro de onde as demais são irradiadas. A fome é separada, metaforizando as necessidades denunciadas claramente na estrofe anterior.

A quinta estrofe, por seu turno, inicia-se num crescendo, ela começa do presente – a voz da filha que dialoga com suas ancestrais, mas termina no futuro:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas

engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade

Primeiro, o eu-lírico apresenta a filha, as futuras gerações, narra o presente a partir de si, mas o futuro, recolhendo as vozes mais baixas e silenciadas anteriormente, ressignifica aquelas vozes das mulheres anteriores, das gerações anteriores. Ao ‘recolher’ as vozes do passado, a voz futura da filha, também se liga às vozes de suas ancestrais, e também ecoa, mas ela não apenas ecoará por necessidade, mas ressoará, ou seja, dará sua contribuição a essa nova voz que surge da coletividade. E a voz não apenas fala, mas também age, ou seja, é uma voz que se faz ato. Trata-se de uma voz com autonomia, também ato, mas que se constrói de outras vozes, e não apenas faz coro com elas, mas que as ressoa, guardando em si as vozes, ou seja, as experiências pelas quais aquelas mulheres anteriores passaram. Há nesse caso, um desenvolvimento da própria resistência gerada pelas vozes – do lamento ao medo, do medo ao sussurro, do sussurro ao fazer poético, a elaboração da linguagem, e disso à ação.

A voz da filha não é apenas a autoconsciência da avó, ou a elaboração do discurso da mãe, mas é uma representação – é um indivíduo mulher que também representa o coletivo de mulheres que a antecedeu por meio da ação que a leva à liberdade.

A junção do passado e do futuro é a forma de se materializar o eco buscado desde a ancestralidade. Trata-se de uma voz alta, que se fará ouvir, e que será, assim, o veículo para o eco liberdade, ou seja, uma liberdade que será ecoada para as gerações anteriores também, no reconhecimento de suas lutas para a construção dessa liberdade.

O poema, portanto, retoma as vozes consideradas baixas ou até mesmo inexistentes e as ressignifica. Evaristo prova que existem as vozes das mulheres subalternas, coloca ‘no mapa’ a existência da mulher negra, retirada da história, ao mesmo tempo em que denuncia situações ainda bem atuais pelas quais o povo negro (e especialmente a mulher negra) passa. Ao mostrar sua existência e utilizá-las em seu fazer poético, Evaristo ressignifica aquelas vozes e as apresenta ao público leitor do poema, para que, dessa forma, essas vozes sejam demonstradas de forma rica e patente. Assim, podemos afirmar que Evaristo, como subalterna e mulher do terceiro mundo, nos moldes discutidos anteriormente, liberta-se parcialmente de sua subalternidade e consegue discutir sua posição, a partir de uma perspectiva privilegiada: a da mulher intelectual que não nega sua ascendência de mulher negra e pobre, mas que

denuncia explorações e discute sua própria coletividade e os problemas vivenciados por ela. Em escritas de identidade das minorias na atualidade, vemos uma aproximação do eu-lírico com a vivência e a experiência dos autores. Isso ocorre também, de forma patente, no texto estudado.

Considerações Finais

Diante do exposto, verificamos que o poema de Conceição Evaristo, mulher do terceiro mundo, revela a voz do subalterno, existente até mesmo no momento da escravidão, escondidas no medo, antes de se pensar na existência de tais vozes. No entanto, como aponta Maggio (2007), o importante não seria questionarmos se o subalterno tem voz, mas se essa voz seria ouvida, como o próprio título do seu artigo demonstra.

No entanto, negando a própria surdez do mundo à voz do subalterno, a própria escrita de Evaristo demonstra que esta voz existe, e que pode ser ouvida, dentro das gerações, de formas diferentes. Evaristo se utiliza do poder adquirido como intelectual para colocar em foco sua condição de mulher, de negra, de origem pobre.

E mais, o poema e a própria obra de Evaristo abrem a perspectiva (e os ouvidos) dos intelectuais e do público, abertos a ouvir a voz do subalterno. Ela pode deixar de ser iletrada, e ter o poder do discurso e do conhecimento, mas sua condição de mulher e de negra, por exemplo, não irá mudar. Evaristo questiona, a partir de seu lugar de iniciação, como escritora, intelectual, o silenciamento da mulher do terceiro mundo. Evaristo abre espaço, por sua trajetória de vida e sua obra, para o questionamento sobre o lugar do subalterno, e como esse subalterno pode falar. Sua voz-poesia é uma forma do subalterno ser ouvido, mesmo que essa linguagem seja criada a partir da formação acadêmica, ou, pelo menos, do poder do discurso intelectual. Assim, numa forma de resistência, Evaristo usa o poder adquirido pelo domínio do discurso para buscar sua subjetificação, ou seja, sua agência, o questionamento do lugar do enunciador e do subalterno. Isso ocorre em relação a uma mulher do terceiro mundo que, como vimos anteriormente, é triplamente objetificada. Assim, os estudos e a teoria de Spivak podem ser extremamente úteis para analisarmos a literatura brasileira produzida por essas vozes, que não se encaixam em algum dos padrões europeus ou ocidentais, ou que simplesmente questionam o que é ser subalterno ou dominante, colonizador ou colonizado, homem ou mulher, morador de primeiro ou de terceiro mundo.

Referências

AHMAD, Aijaz. Linhagens do Presente. *Ensaio*. 1.ed. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2002.

ASHCROFT, Bill et al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.

BHABHA, Hommi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2012.

ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007, 106 p. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: _____. *Cadernos Negros* 13, 1990, p. 32-33.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 18.

MAGGIO, J. Can the Subaltern Be Heard?: Political Theory, Translation, Representation, and Gayatri Chakravorty Spivak. *Alternatives: Global, Local, Political* Vol. 32 Issue 4, p. 419-443. Oct-Dec 2007, Disponível em <http://connection.ebscohost.com/c/articles/29968810/can-subaltern-be-heard-political-theory-translation-representation-gayatri-chakravorty-spivak>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

MORTON, Stephen. *Gayatri Spivak, Collection Thinkers*. Routledge: London, New York, 2003.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under the Western Eyes Revisited: Feminist Scholarship and Colonial Discourses In: _____. *Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Duke University Press, 2003. p. 221-254

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória d'áfrica. A temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: _____. *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, p. 215-219

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a Reason of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The Rani of Sirmur: An Essay in Reading the Archives. History and Theory*. Vol. 24, n 3, p. 247-272, Oct. 1985. Disponível em <http://philpapers.org/rec/SPITRO-4>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

VIZENOR, Gerald. *Fugitive Poses: Native American Indian Scenes of Absence and Presence*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1998.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

[Recebido em fevereiro de 2015 e aceito para publicação em maio de 2015]

“Voices-women” of the third world - the perspective of Conceição Evaristo

Abstract: This paper analyses the poem “Vozes-Mulheres” (voices-women), by Conceição Evaristo. Black women who are part of the extended family of the poetic persona are represented by the voices presented in the poem. The aim of this paper is apply the theory of Third World Women brought forth by Gayatri Spivak and developed by scholars as Chandra Talpade Mohanty to the voices in the poem by discussing the voices of the Third World Women and the subaltern studies. The investigation methodology is based in theoretical texts that discuss if the subaltern has a voice, and the attempt of agency developed by the voices in the poem, as studied by Spivak (1987), Mohanty (2003), Maggio (2007) and others. In the poem, one can observe the voice as a resistance mechanism by the poetic persona who struggles for a space in society. The payback happens via speech, and speech becomes the tool for the liberation of the black woman persona. The results of the analysis evidence that the identity of the black women voices is constructed from the moment that the present voice mixes up with the voices of the previous and the future generations, so those voices can be heard. By using her voice as a poor, black woman and intellectual, Evaristo focuses on her own condition and the possibilities of reconfiguring her role in society as a black woman.

Keywords: Voices. Black Women. Subalternity. Freedom.

